

CAPÍTULO 1

NÓS ESTAMOS EM GUERRA

David Searle conta em seu livro *Na força do seu poder* (Cultura Cristã) que, ao eclodir na Europa a Segunda Guerra Mundial, o médico Dr. Stott, pai do recentemente falecido pastor e teólogo John Stott, imediatamente se alistou nas forças britânicas para defender a pátria. Porém, seu filho John, na época com idade para entrar no exército, afirmou que era um pacifista e que não iria se alistar. A guerra terminou, os aliados foram vitoriosos e, durante sete anos, o pai de Stott não falou com ele, pois achava que o filho havia cometido uma falha imperdoável contra seu país. Anos mais tarde, os dois se reconciliaram e o pai finalmente foi à capela de All Souls, em Londres, para ouvi-lo pregar.¹

Embora respeitemos as ideias pacifistas, certamente esse tipo de atitude não valeria para a guerra na qual a igreja está envolvida. Conforme o apóstolo Paulo escreveu em Efésios 6.10-20, estamos numa luta sem tréguas contra principados e potestades. Nesse caso, nenhum crente pode ser um pacifista e dizer que não acredita em guerra, porque já está envolvido em uma. Ela obviamente não é contra carne ou sangue, mas contra principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso. Queiramos ou não, no momento em que nos tornamos cristãos ao receber a Cristo como nosso Salvador, nós nos alistamos no seu exército para uma batalha de dimensões por vezes acima da nossa compreensão.

Efésios 6.10-20 é a “ordem do dia” do nosso general, a convocação do Senhor Jesus para que a igreja esteja pronta para esse combate no qual está irreversivelmente envolvida. Essa é uma das passagens mais importantes para a igreja evangélica brasileira atual. Nela o apóstolo Paulo esboça os princípios básicos da luta da igreja de Cristo contra os espíritos malignos que dominam este mundo tenebroso. Aqui podemos encontrar, mais do que em qualquer outra parte das Escrituras, uma exposição detalhada do embate da igreja com o diabo e seus anjos.

Se hoje eu pedisse a alguns crentes que pintassem um quadro que representasse o que seja a vida cristã, é bem possível que surgissem quadros como aquele que nos mostra as pegadas de Jesus na areia da praia nos carregando em seus braços nos momentos mais críticos da nossa vida. Já vi um quadro que representava a vida cristã como um passarinho pousado num galho que balançava sobre as poderosas cataratas do Niágara: a fragilidade do pássaro contrastava com a impetuosidade da corrente; porém, apesar dela, a avezinha parecia cantar tranquilamente. Já vi também quadros que mostravam barcos à vela sobre um mar calmo, projetando-se contra um horizonte azul. Sei que muitas pessoas pintariam a vida cristã dessa maneira. Mas quantos a pintariam como um campo de batalha, com armas, instrumentos de guerra, trincheiras, sentinelas vigiando, soldados correndo de um lado para outro sob as ordens de um comandante? Quantos representariam a igreja como um exército envolvido numa luta sangrenta e cruel? Creio que não muitos, apesar de ser exatamente essa a descrição que o apóstolo Paulo faz da igreja em Efésios 6.10-20.² A passagem não transmite o conceito, hoje tão popular, da igreja como um hospital onde se vai receber terapia. Ao contrário, ela é descrita como um grande campo militar. Tampouco estou dizendo que não existam soldados feridos precisando de tratamento e cura. O problema é que existem muitos cristãos que passam todo o tempo na “enfermaria”, como se a igreja fosse um grande pavilhão para tratamento permanente de doentes. Na realidade, a igreja é mais como um exército no campo de batalha e cada um de nós é chamado a estar pronto para resistir aos ataques de Satanás. Cristianismo não é brincadeira, é questão de vida ou morte; é muito sério e lida com realidades eternas que determinam o estado futuro das pessoas. Assim, em Efésios 6.10-20, Paulo descreve a igreja de Cristo em sua armadura completa, resistindo firme ao ataque feroz, incessante, cruel e astucioso de um inimigo tremendamente poderoso. Por isso, repito, temos de tomar toda a armadura de Deus. A igreja não é um “piquenique”, não é um clube, mas um exército. É dessa maneira que devemos entender a vida cristã.

A passagem nos convida a refletir que a igreja não está vivendo neste mundo placidamente, em “berço esplêndido”. Quando os pastores e estudiosos que nos legaram a teologia reformada disseram que a igreja no mundo é uma igreja *militante*, em pleno combate, estavam refletindo o ensinamento bíblico de que os cristãos estão envolvidos num tremendo conflito enquanto peregrinam por este mundo tenebroso.

Se estamos envolvidos num conflito dessas proporções, certamente é muito perigoso ficar andando de um lado para o outro pela linha de fogo sem saber o que está havendo e sem nenhum preparo. Especialmente nos dias

de hoje, quando o tema de *batalha espiritual* tem sido apresentado à igreja de um modo distorcido, é extremamente importante tomarmos uma passagem crucial como Efésios 6.10-20 e entendê-la corretamente. Precisamos recapturar a visão global do que está acontecendo ao nosso redor. Precisamos também nos preparar para responder às perguntas que muitas pessoas nos fazem sobre esse assunto. E nós mesmos precisamos estar prontos para enfrentar as astutas ciladas do diabo.

O CONTEXTO DE EFÉSIOS 6.10-20

Primeiramente, ao estudar uma passagem como essa, temos de nos lembrar do contexto, da situação e do propósito com o qual foi escrita. Essa é uma regra muito importante. O que a passagem significou para seus primeiros leitores? Qual o propósito do seu autor? Paulo não a escreveu para deixar para a igreja um tratado acadêmico sobre “batalha espiritual”. Ele e os demais apóstolos eram homens muito ocupados, envolvidos continuamente com o trabalho missionário e pastoral. Não tinham tempo para “fazer teologia” só pelo prazer de fazê-lo. Não escreviam cartas apenas para manter a correspondência em dia, e sim para atender às necessidades das congregações recém-formadas, quando não podiam estar lá em pessoa para resolver os problemas delas.

Alguns estudiosos atuais têm questionado a autoria paulina da carta aos efésios. Há também alguma dúvida sobre se ela foi escrita somente para os efésios ou se era uma carta circular, endereçada às várias igrejas da região onde se encontrava a cidade de Éfeso. Creio que não há evidências suficientes para abandonarmos a posição que a igreja tem adotado por quase dois mil anos de que Paulo é seu autor. Quanto aos destinatários, reconheço que a questão é mais difícil de ser esclarecida. Sabemos que Paulo pelo menos uma vez escreveu uma carta aberta, circular (cf. Cl 4.16). De qualquer maneira, mesmo que Efésios não tenha sido destinada exclusivamente aos efésios, eles certamente receberam uma cópia da carta, ainda nos primórdios da igreja apostólica. Assim, assumimos neste livro que Paulo é seu autor e que seu destinatário primário era a igreja de Éfeso.

Paulo escreveu essa carta quando estava na prisão. A causa do encarceramento foi seu ministério apostólico de anunciar o evangelho de Cristo (Ef 3.1; 4.1; 6.20). A maioria dos estudiosos acredita que ele estava preso em Roma, por instigação dos judeus de Jerusalém, após haver apelado para o julgamento de César (cf. At 25.11-12; 27.1; 28.16, 30-31). É possível que a visita de Tíquico a Roma, trazendo notícias de Éfeso, tenha motivado Paulo a lhes escrever essa carta para encorajá-los diante das notícias da sua prisão (veja Ef 3.13). Paulo escreve com o propósito de mostrar aos

seus leitores todas as bênçãos espirituais que a igreja desfruta na pessoa de Cristo. Nela o apóstolo explica, de maneira mais elaborada do que em suas outras cartas, o que pensa a respeito da igreja. No primeiro capítulo, ele descreve todas as bênçãos espirituais que ela possui em Cristo Jesus. Entre essas bênçãos enumera o perdão dos pecados, a adoção de filhos, a predestinação, a redenção, a conversão e o selo do Espírito Santo. Ele fala da igreja como a consumação do plano de Deus, de fazer todas as coisas convergirem em Cristo Jesus, sendo ela o ápice do propósito divino redentor na História. Nela Deus realiza o seu propósito de reconciliar consigo mesmo todas as coisas.

No capítulo 2 o apóstolo descreve os cristãos em sua posição de vitória, havendo sido para lá transportados de sua situação de escravos, de miséria, de pecado, de subjugados à ira de Deus. Agora, em Cristo, a igreja está assentada à direita de Deus. E tudo isso pela graça. Na igreja, judeus e gentios, servos e senhores, homens e mulheres, enfim toda a diversidade da raça humana encontra sua unidade. Por meio do Espírito Santo, todos temos acesso a Deus num só Espírito.

No capítulo 3 Paulo fala do ministério dos apóstolos. A eles Deus revelou o mistério do evangelho, o fundamento da igreja. Paulo se diz o menor entre os apóstolos e considera o sofrimento na prisão romana, por anunciar o mistério de Cristo, um privilégio e não um motivo para desfalecimento e desânimo dos seus leitores. E ora para que eles possam compreender o amor de Cristo em profundidade.

No capítulo 4 Paulo menciona a unidade da igreja no Espírito Santo, pelo vínculo da paz. À luz de todas essas bênçãos maravilhosas, continua Paulo, o cristão agora deve andar em novidade de vida. Deve se despir das coisas antigas e tomar sobre si toda a “novidade” que foi trazida por Cristo ao mundo, o “novo” no sentido bíblico. Deve assim se revestir do novo homem criado segundo Deus em justiça, santidade, andando de maneira digna de sua vocação. Essas implicações práticas são desenvolvidas nos capítulos 4, 5 e 6.

Ao fim da carta, o apóstolo adverte a igreja de que ela encontrará oposição para viver neste mundo a plenitude das bênçãos espirituais. O fato de que a igreja está em posição de vitória em Cristo Jesus, o fato de estarmos ressurretos e assentados com ele nas regiões celestes, não quer dizer que os nossos problemas aqui neste mundo tenham acabado. Não quer dizer que o conflito cessou. Não quer dizer que tudo aqui e agora vai ser um “mar de rosas”. “Não”, diz Paulo, “vocês devem se lembrar de que a igreja ainda está inserida num mundo tenebroso, onde habitam hostes malignas poderosas. Nele, a igreja vai encontrar tremenda oposição desses principados e

potestades, as forças espirituais do mal, que vão atacá-la continuamente, tentando evitar que os cristãos desfrutem dos seus privilégios em Cristo, e fazendo com que se desviem da sua direção e propósito.”

Aqui, então, se vê como é equivocado aquele tipo de evangelismo, bastante popular em nossos dias, que oferece às pessoas a completa solução de todos os seus problemas se somente aceitarem a Cristo Jesus. Em certo sentido, esse não é um modo muito honesto de evangelizar. Os nossos amigos terão a impressão de que, se aceitarem a Cristo, todos os seus problemas atuais serão resolvidos de maneira miraculosa e instantânea. Creio que o oposto é que é a verdade. Quando alguém crê e se converte genuinamente a Cristo, aí é que os problemas surgem mesmo, e alguns dos anteriores até se agravam. Uma vez li a história de um escravo cristão cujo patrão costumava zombar da sua fé em Cristo, dizendo: “Não vejo qual a vantagem de ser cristão. Não creio em Cristo e detesto o cristianismo. Entretanto, sou um homem rico, sem problemas, e tenho tudo na vida. E você, que professa servir a esse Cristo, não passa de meu escravo, nada tem neste mundo e passa por muitos sofrimentos. Como explica isso?” E o pobre escravo não tinha uma resposta para oferecer. Um dia, saiu acompanhando seu patrão numa caçada a patos selvagens. O homem era excelente atirador, e com poucos tiros conseguiu derrubar vários patos que passavam em revoada sobre a lagoa. “Depressa”, disse ele ao escravo, “vá logo buscar aqueles feridos que ainda estão vivos, pois ainda podem escapar. Deixe os mortos para depois, pois eles não vão mesmo a lugar nenhum.” Enquanto o escravo obedecia, a luz brilhou em sua mente. Ao voltar com as aves abatidas, disse ao seu senhor: “Mestre, agora tenho a resposta à sua pergunta. Os meus sofrimentos neste mundo se explicam do mesmo modo como o senhor me orientou a buscar os patos. O diabo vai no encalço dos que ainda estão vivos e deixa em paz os que já estão mortos. Ele procura tornar a minha vida o mais miserável que possa, pois estou vivo em Cristo, e posso escapar de suas garras. Enquanto isso, ele o deixa em paz, pois, morto em suas ofensas e pecados, o senhor já lhe pertence”.

Essa história ilustra bem o que quero dizer. Em muitos casos, alguém que se converte verdadeiramente ao cristianismo bíblico passa a ter mais problemas do que antes. O diabo e seus anjos passarão a persegui-lo e a tentá-lo muito mais intensamente que antes. Não somente isso, mas a sua própria consciência passará a ter uma nova sensibilidade quanto ao pecado. Por exemplo, se ele antes conseguia trair a esposa sem qualquer preocupação, agora sua consciência o apertará e ele não conseguirá mais fazer isso em paz. Antes ele não tinha problemas de consciência, mas agora tem. Se antes ele “colava” na prova da escola, agora, depois de haver crido em Cristo,